

REDES DE SOCIABILIDADE E DESENVOLVIMENTO URBANO: A TECEDURA DA COMUNICAÇÃO

SOCIAL AND URBAN DEVELOPMENT NETWORKS: THE PLOT OF COMMUNICATION

Dr. Maria Cristina Dadalto
Centro Universitário Vila Velha
cristinadadalto@hotmail.com
Vitória, Brasil

Resumen

Desde el punto de vista teórico y metodológico de Henry Lefebvre, se examina la relación entre ciudad, comunicación y sociedad, teniendo como referencia la ciudad de Colatina, ubicada en el norte de Espírito Santo, cuyo desarrollo socioeconómico se siente alentado por la continua formación de redes productivas socio empresariales. En la construcción de los vínculos, los nudos y los principios generadores de las redes se entremezclan produciendo una dinámica, a nivel diacrónico y sincrónico, en la que los nuevos discursos ayudan a cambiar el significado de los demás. A través de una descripción e interpretación de mapas, que representan juntos los mecanismos de escala, proyección y simbologías de la red, entiende que la historia de la ciudad y sus transformaciones socioeconómicas son marcadas por huellas y marcos, que comprenden el conjunto de significados de las prácticas socioculturales que alimentan la vida cotidiana de los hombres en su realidad y para expresar a través de la comunicación, utilizando el lenguaje verbal o no verbal.

Palabras claves: Ciudad, comunicación, redes socio-empresariales, prácticas culturales.

Abstract

From the theoretical and methodological perspective of Henry Lefebvre, the work analyses the relation between city, communication and society using Colatina, located in the north of Espírito Santo, as a reference, whose socioeconomic development is encouraged by the continuous training of productive social and business networks. In the construction of links, the nodes and the principles of the networks are interconnected generating numerous speeches producing dynamics, in diachronic and synchronic level, in which born new speeches, which helps to change the meanings of others. Through a cartographic description and interpretation, representing the mechanisms of scale, projection and symbology of the network, the work provides an understanding that the city's history and its socioeconomic transformations are marked by traces and marks, which comprise the set of meanings of sociocultural practices that fuel the daily lives of men nowadays and that express through communication, using verbal or non verbal language.

Key words: City, communication, social and business networks, cultural practices.

(Recibido el 15/09/08)
(Aceptado el 05/01/09)

Introdução

Compreender o mapa cartográfico de uma cidade nos oferece inúmeras possibilidades de reflexão sobre seu processo de construção histórica, sobre o seu patrimônio cultural, sobre as escolhas, discursos identitários, aspirações, estratégias e sobre os conflitos vivenciados por seus moradores. A cidade expressa uma história coletiva anunciada nas medidas do espaço que se reflete na sua geografia urbana

Possibilita, ainda, considerar a articulação do espaço urbano como análogo às estruturas das redes sociais. Compostas por nós (pessoas), elos (relações) e por princípios organizadores, as redes são estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas e grupos que compartilham valores ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizadas (Souza & Quandt, 2008).

Inter-relacionando os conceitos de cidade e de redes sociais, compreende-se que as forças que geram o desenvolvimento urbano estão entrelaçadas na teia da diversidade social, histórica, econômica e cultural dos vários elos que a regem e da necessidade de troca de informações entre os diferentes tipos de nós. Concebe-se a cidade, portanto, como obra coletiva, como espaço de conquistas sociais e de acesso institucional à cidadania.

Segundo Lefebvre (2001), a cidade depende de uma mediação entre as relações da ordem próxima e da distante para propulsionar seu crescimento. A ordem próxima compõe as relações de imediatez, as vinculações diretas entre as pessoas e os grupos mais ou menos organizados e estruturados e desses grupos entre si, enquanto a ordem distante é regida por instituições poderosas, por um código jurídico formalizado ou não, por conjuntos significantes, concebidos no interior das ideologias.

Nesta direção, delimita-se este trabalho, tendo como referência de micro-análise a cidade de Colatina, localizada na região Norte do Espírito Santo, Brasil, cuja rede socioempresarial de confecções, surgida a partir dos anos de 1950, encerra as experiências socioculturais vividas por seus habitantes a partir do final do século XIX.¹ Objetiva analisar como essa rede contém, em sua dinâmica de formação e de incremento e nas suas práticas discursivas de produção e de relacionamento, as marcas das significações da história da cidade.

Busca-se, nesta direção, avaliar, cartograficamente, a tessitura dos elos, dos nós e dos princípios geradores dessa rede segundo perspectiva teórico-metodológica sociocultural de Henry Lefebvre. A hipótese que o norteia é a de que essas dinâmicas e práticas socioculturais discursivas indicam como, na cidade, a história se incorpora ao uso urbano e como o espaço foi dinamizado pela estrutura produtiva em rede socioempresarial. Produzir essa análise exige, portanto, compreender a formação da cidade de Colatina,

O Contexto do Espaço Urbano

A história da cidade de Colatina é marcada pela diversidade de etnias que a compõem e por um intenso fluxo imigratório e transmigratório intrarregional de colonos, o qual tem início a partir do último quartel do século XIX, com o assentamento de imigrantes europeus e migrantes nacionais em seu território. Contudo, os anos de 1920, demarcam o período de expansão do município. Nessa fase, milhares de famílias se instalaram em pequenas colônias, localizadas no interior, perseguindo o rastro do desbravamento da fronteira Norte do Espírito Santo, com vistas à produção de café.

Nos anos de 1960, entretanto, o Governo Federal promove o programa de erradicação da lavoura cafeeira provocando, como consequência, a reestruturação na economia da região e determinando um novo movimento migratório, dessa vez, do campo

¹ Na cidade se desenvolve também os *clusters* de móveis de cerâmica vermelha, mas este *paper* tratará especificamente do de confecções. Há inúmeras características de proximidade entre os demais *clusters* na cidade, diferenciando-se nos aspectos específicos da produção (Dadalto, 2004).

para a cidade. Inverte-se, assim, a relação de residentes na área urbana e rural, com os colonos buscando na cidade uma alternativa à sobrevivência financeira.

Nesse processo de mudança, a maioria carregava na bagagem a experiência de residir em pequenas colônias situadas em lugares isolados, muita vez inóspitos, sobrevivendo por meio de autossuficiência produtiva. Além disso, mantinham uma rede social de relacionamento intra e intercomunitária, fundada na família e na relação de vizinhança, na confiança, na reciprocidade e evidenciada na troca da comunicação.

Esse movimento migratório deu a Colatina uma nova configuração: as histórias individuais e coletivas, o passado e o presente se entrecruzaram. Constituiu-se, entre os moradores já estabelecidos e os novos assentados, um inédito saber de convivência em bairros. Para tal, exigiu-se a construção de um cotidiano das relações afetivas e familiares atado às institucionais de vários portes: comerciais, políticos, educacionais, religiosos, de lazer, etc., envolvendo as relações socioeconômicas, culturais e institucionais.

Na cidade, o plano do cotidiano se inscreve nas relações e nas práticas sociais que englobam a produção e a reprodução material e discursiva, os lugares específicos e os conjuntos espaciais próprios a cada formação social. Nesse processo, há de se observar, conforme Ledrut (1971), que uma coletividade se organiza a partir da conexão do sentido de comunidade ao criar vínculos de proximidade com a vizinhança reunida de modo permanente em determinada área. Nos bairros, agrupamentos em que se define a base da proximidade, apresentam-se os diversos padrões dos modos de estruturação da comunidade local, na qual a intensificação das existências coletivas depende da diversidade das condições relacionadas aos limites e às categorias da vida do lugar.

Assim, as ordens que a cidade transmite na forma de significações, das simultaneidades e dos encontros (Lefebvre, 2001) forçariam os moradores a reinventar suas tradições e a desvelar a realidade edificada, mantendo-a como espaço de troca e de materialização da vida humana. Nesse processo de reconstrução em outras bases socioeconômicas, os moradores esquadriharam na experiência e no tácito da economia do saber a refundação de sua trajetória.

Entrementes, como os sentidos da ordem distante estão relacionados ao exercício do poder e à conformação do espaço, exercem, analogamente, uma influência específica na produção. Vislumbra-se, nessa direção, um nexo de oposição e complementaridade entre as ordens próxima e distante, que emergem, simultaneamente, na organização dos encadeamentos da cidade, bem como na reprodução das relações de trabalho e dos meios de produção mediados pelas práticas sociais discursivas.

Nessa perspectiva, a cidade compreende e indica as contradições do seu processo histórico nos níveis econômico, social, cultural e político. A integração coletiva e a participação dos habitantes na vida pública são expressões do relacionamento entre população e agentes responsáveis, tendo a comunicação o papel de assegurar as trocas de informação determinadas pelos diversos nós: agrupamentos e estruturas intermediárias — tanto aquelas promovidas por meios de comunicação de massa como aquelas realizadas pelos indivíduos e pelos grupos num modelo informal.

Sendo uma unidade básica de comunicação, o indivíduo se apresenta como um elo numa cadeia da teia contínua de qualquer partícula de informação. A tessitura informal é mais flexível e a informação que encerra pode se apresentar tanto em nível horizontal como em vertical. De acordo com Baccega (2002), nessa contextura se entrecruzam incomparáveis números de discursos produzindo uma dinâmica, em nível diacrônico e sincrônico, na qual novas alocações nascem ajudando a alterar os significados dos outros. Os discursos são compreendidos tanto com base no que está estabelecido, como nas características referidas no universo dos partícipes desse processo.

Neles também estão inseridas as permanências históricas sob a forma de mitos, provérbios, estereótipos e valores, que se apresentam na representação do cotidiano dos indivíduos. Nesse cotidiano, Ferrara registra que o modo da linguagem e sua lógica constitutiva determinam que, ao “lado do social, do econômico e do cultural, a estrutura informacional constitui um dos elementos básicos de apreensão do real” (Ferrara, 2007: 6).

Há de se destacar, no entanto, que a estrutura informacional não tem de ser exclusivamente verbal, mas, por ser uma prática do ser humano, está posta numa dimensão de tal nível de complexidade que se apresenta como elemento que interfere nos sistemas social, econômico e cultural, seja para confirmá-los, seja para alterá-los. Compreende-se, assim, que a história da cidade e suas transformações socioeconômicas são pontilhadas de vestígios e de marcas, compondo o conjunto de significados das práticas discursivas socioculturais que alimentam o dia a dia dos homens na sua atualidade e que se expressam por meio da comunicação.

As Ordens Expressas

Os vestígios e marcas das práticas discursivas socioculturais da cidade de Colatina são dados, mormente, por uma colonização constituída pela diversidade étnico-cultural, tendo em vista que grande parte de seus membros são imigrantes ou descendentes de imigrantes europeus, além de árabes, turcos, libaneses e negros africanos. Também inseridos nesse processo, migrantes brasileiros de Minas Gerais, do Nordeste, do Rio de Janeiro, entre outros, bem como de indígenas que habitavam o local.

Esses povos compuseram, desse modo, a identidade multicultural da população e emaranharam-se no fluxo do crescimento socioeconômico da cidade. Nele, em momentos dessemelhantes, sujeitos e grupos se cruzaram em trajetórias internas no espaço e tempo dos desmembramentos geográficos e históricos próprios de seu desenvolvimento (Hall, 2003).

Entrementes, de maneira vária, mas coletiva, a grande maioria assentada no território viveria o sentimento familiar da diáspora e do deslocamento. De acordo com Hall (2003), em situação de diáspora as identidades se tornam múltiplas, pois junto aos elos que as ligam a um local de origem há, ainda, a qualidade de ser “italiano”, ou “alemão”, ou “negro africano”, a exemplo desses citados.

Apesar de vindos em períodos específicos e estabelecidos inicialmente por etnias em colônias, com o passar do tempo juntaram-se aos demais protagonistas dos fluxos migratórios. Unidos por laços de consanguinidade, ou não, constituíram formas de relacionamentos sociais interétnicas, que lhes possibilitaram criar alternativas para o seu próprio desenvolvimento socioeconômico e cultural, bem como o do local em que se encontravam.

No interior, assentados em colônias, eram voltados à produção do café em pequenas propriedades de mão de obra familiar, num sistema de relação de trabalho baseada na meagem, de modo autossustentável e autossuficiente. A região urbana, por outro lado, havia se convertido no polo aglutinador de acesso a bens de consumo e de prestação de serviços públicos à população campesina. Com a erradicação do café, alterou-se o índice vetorial rural-urbano e teve início o processo de transformação das referências produtivas.

Em consequência, alteraram-se todas as demais conexões que permeiam as trocas sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade. Em tal fase, as marcas da história se fizeram manifestar nos discursos das práticas produtivas, na dinâmica de formação e expansão da rede da indústria de confecções estabelecida, que, anos mais tarde, ganharia *status* de *cluster*.

É nesse processo que se dá o crescimento da indústria do vestuário. Para tanto, os futuros empreendedores buscaram na experiência do cotidiano das colônias a estrutura para fundar suas empresas.² Deste modo, montaram micro e pequenas fábricas de base familiar, localizadas nos bairros residenciais, correlacionando comunidades empresarial e residencial numa dinâmica produtiva em formato de rede socioempresarial. Em contraponto, os poderes públicos municipal, estadual e federal moveram pouquíssimo apoio institucional, fato compensado por um comportamento institucional associativo coeso entre sociedade,

² A abertura da primeira empresa do setor de confecção data de 1952. Em 1960 registravam-se em Colatina 04 fábricas; em 1970, 25; em 1980, 187, e em 2000, 340. (Vilaça & Dadalto, 2001).

empreendedores e parceiros e que teve papel fundamental no incentivo de ações à cooperação e à inovação.³

Por meio do estabelecimento dessas ações institucionais, assentadas numa prática discursiva de reciprocidade, conseguiram manter a inovação tecnológica dos empreendimentos e a construção de um ambiente industrial eficiente. Ressalva-se, todavia, que a instituição família foi o articulador central para o nascimento e o fortalecimento das indústrias.

Esse processo marca, também, os sinais da incorporação do projeto de mudança social da cidade na modernidade. Por meio dele, a população rompe com o modelo agroexportador a que se submeteu historicamente, e, em consequência, com a forma urbana até então arquitetada, e voltada, exclusivamente, ao atendimento às demandas da atividade cafeeira.

Entretanto, essa modernidade é demarcada por uma oposição de relações e características tradicionais, nos seguintes aspectos: em relação à concepção do espaço produtivo; pelas práticas produtivas culturais discursivas; pelo modo de produção por meio de um modelo flexível de trabalho; pela formação de empresas familiares e pela autossuficiência produtiva. Embora esses aspectos se inter-relacionem por meio do modo de viver e de agir da população alvo da pesquisa, neste trabalho se fixarão como marco regulador as práticas produtivas culturais discursivas na rede socioempresarial de confecções.

O Mapa Cartográfico da Rede

De acordo com Santos (2000: 197), “o modo como imaginamos o real espacial pode vir a tornar-se a matriz das referências com que imaginamos todos os demais aspectos da realidade.” Portanto, imaginar e representar cartograficamente o espaço urbano e a formação socioempresarial do setor de confecções de Colatina exige entender as estruturas da ordem próxima e da ordem distante da cidade.

Uma cartografia que privilegia a representação apresenta três mecanismos de representação/distorção da realidade: a escala, a projeção e a simbolização. A escala irá informar a relação entre a distância no mapa com a que corresponde ao terreno; a projeção apresentará a transformação da superfície descrita no mapa da superfície curva da terra; e a simbolização oferecerá as notas sobre os símbolos gráficos usados para assinalar os elementos e as características da realidade espacial selecionada (Santos, 2000).

A análise cartográfica representada neste trabalho tem como base estudo de campo realizado entre os anos de 2000 a 2005 na cidade de Colatina (Dadalto, 2007). Visa mapear a rede socioempresarial de confecções fundada em 1950 e que a partir dos anos de 1980 se fortaleceu, tornando-se a mais importante do setor no Espírito Santo. Contudo, produzirá uma descrição e análise a partir de seus elos, nós e princípios geradores, analogamente à escala, projeção e simbolização, que neste trabalho serão discutidos de forma associada.

Os Elos, os Nós e os Princípios

Uma das formas de significação urbana da estrutura da rede de confecções que remete ao legado histórico em Colatina encontra-se na dualidade da relação casa-fábrica. Isso porque, no ambiente rural, o cotidiano dos colonos não dissociava a organização do espaço, no que dizia respeito à estrutura profissional e à residencial. Grande parte residia e cultivava o café com a família, em suas pequenas propriedades.

³ Participaram ativamente desse processo a Associação Empresarial de Desenvolvimento Industrial de Colatina e os Sindicatos das Indústrias do Vestuário de Colatina, todos criados a partir da segunda metade da década de 1980 pelos empresários. Regionalmente, também participaram, com apoio, instituições de âmbito regional e nacional, como o Serviço Nacional de Aprendizado Industrial, a Federação das Indústrias do Espírito Santo, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Dadalto, 2007).

As casas eram, em geral, construídas com vistas a ajudar na coordenação dos serviços e no armazenamento dos produtos da lavoura, demarcando um local qualitativo e quantitativo, emocional e político. Era, portanto, uma edificação que atendia às necessidades de adaptação a determinado modo de vida, e que indicava as marcas do processo de resistência, inserção e identificação com o meio.

O que ocorre no presente da cidade é a inversão da atividade econômica preponderante: deixa-se de produzir o café e passa-se a confeccionar produtos têxteis, sendo a constituição da fábrica um empreendimento familiar, que começa a funcionar num cômodo da casa do proprietário. Em Colatina, são abertas, em todos os bairros, micro unidades fabris, e grande parte funciona por anos nas residências. O tempo dessa permanência, por sua vez, indica a hierarquia de tamanho e de desenvolvimento da empresa: micro, pequena, média ou grande (Dadalto, 2007).

Casas e fábricas se correlacionam nos bairros com empreendedores e com a vizinhança mantendo trocas e permutas configuradas de maneiras diversas, dependendo do tamanho do negócio. Ou seja, quanto menor o empreendimento, maior o contato, uma vez que é estabelecida uma ligação face a face de maior proximidade com a vizinhança, que também se torna cliente potencial da fábrica ou, em alguns casos, até comercializa produtos ou presta serviços.

O início do crescimento e o sucesso das fábricas se manifestam no porte, na arquitetura e na sofisticação das construções, nas ampliações ou nas reformas das fábricas e nos vínculos de sociabilidade com a vizinhança. Dessa maneira, a forma arquitetônica exprime a realidade instituída assim como sua estrutura, o que também se reflete nas relações com o entorno. Este, também, um legado da vida nas colônias — estudos de Muniz (1997) descrevem como os colonos, no período de formação da cidade, construíam uma primeira casa rústica, mas rapidamente a substituíam por uma outra maior ou de formas e materiais diferentes.

A formação das micro e pequenas fabriquetas, por meio do núcleo familiar, também representa o legado simbólico dos colonos. Nesse ambiente, os empreendedores sustentam uma dinâmica de relacionamento com a vizinhança, gravitando em seu entorno no bairro, marcadamente direta e comportando determinados princípios e valores que, projetados na prática discursiva daquela realidade, amparam a criação de novos negócios.

Isso porque é na troca de experiências entre parentes e vizinhos que se alimentam as informações básicas para formação e manutenção de uma unidade fabril. Foi buscando informações com a empresária X que a vizinha Y montou sua fábrica de roupas: “Quando ela (Y) começou, me chamou para ajudá-la; ela não tinha muita noção [...]. Outro dia, precisei dela numa máquina, e ela me ajudou” (Dadalto, 2007: 134).

Segundo o que expressa X, há um código rígido de troca de informações e de reciprocidade, que demonstra os princípios geradores da ordem distante definida por Lefebvre (2001), e que se espraia na cidade permitindo a difusão de novos negócios nesses segmentos. Esse mesmo código possibilita um movimento de eficiência coletiva entre os empreendimentos, pois, se há troca de informações entre parentes e vizinhos, há uma manutenção “espontânea” do incremento de novas tecnologias.

Associa-se a esse processo a inexistência de clivagens de classe social na formação dos bairros urbanos — não há na cidade bairros exclusivos de residências de classe alta, média ou baixa, assim como não há bairros étnicos, profissionais ou empresariais, nos quais se concentrem as empresas de confecções.

A diferenciação, em geral, ocorre na hierarquia das empresas, uma vez que médios e grandes empreendedores, investidos de determinadas rotinas produtivas geradas por seu porte e capacidade de produção, relacionam-se, prioritariamente, com seus pares ou parceiros. Fomenta-se, dessa maneira, um modelo de eficiência coletiva tecida em rede — decorrência não somente do código de reciprocidade, mas também da mediação da troca de informação não formal e de sua ressignificação — presente entre empresários, empregados e parceiros de prestação de serviços.

Sucessivamente, e de maneira informal, as informações sobre as mudanças tecnológicas de produção e de comercialização se disseminam entre novos atores, sendo incorporadas ou adaptadas segundo a capacidade de produção de cada empreendimento. Por exemplo, uma modelista ensina à costureira de uma indústria um novo modelo de corte, que por sua vez ensina à vizinha proprietária de uma pequena fábrica e que explica a um parente proprietário de uma outra fábrica.

A mediação da informação sobre as rotinas produtivas ocorre de maneira circular e de maneira tácita, em rede de família, de parentesco, de amizade e de vizinhança, e fomenta a criação de novas unidades de negócios dentro dela própria. A difusão dos empreendimentos derivada da narrativa de conhecidos, muita vez, visa suprir uma necessidade da rede ou mesmo se apresenta deslocando-se nas várias dimensões do processo produtivo e nas atividades de comercialização e de prestação de serviço: contabilidade, estilismo, estamparia, entre outros. Consequência de um constante envolvimento de membros do segmento urbano em funções já estabelecidas em outras funções, ou na geração de negócios afins, que buscam dar suporte às demandas surgentes.

Deste modo, adaptam-se e proporcionam uns aos outros, na contiguidade das trocas discursivas presentes nas convivências do ambiente de trabalho, familiares e de vizinhança, os mecanismos de manutenção da rede socioempresarial. Associa-se à rotina de circulação de informação uma prática produtiva cuja base é uma cultura associativa que fornece o seu código de reciprocidade.

Nessa direção, há um modelo de ajuda mútua entre empreendedores, empregados e entre parceiros e moradores que dá sustentabilidade à estratégia de crescimento, à troca de informações e à sua conservação e que também remete à experiência do cotidiano nas colônias. Essa cultura associativa perpassa todos os níveis e dimensões do *cluster* e se manifesta durante o processo produtivo.

Por meio dele, empreendedores apoiam a abertura de uma nova fábrica para empregado, ensinando procedimentos e encaminhando serviços; empreendedores indicam representantes de tecidos a um outro empreendedor, possível concorrente, entre outras inúmeras formas de trocas.

Depoimento de Darcy de Andrade, empresário de grande porte e um dos pioneiros da rede de confecções de Colatina, revela que essa cultura tem origem desde a abertura das primeiras fábricas na década de 1950: “Nós somos acostumados a estender a mão um para o outro. Faltou tecido aqui? Você apanha com o outro” (Vilaça & Dadalto, 2001: 62).

Dessa cultura associativa participam pequenas, médias e grandes empresas em escalas distintas, até pelas próprias diferenças que se estabelecem por suas demandas, articulação e capacidade financeira de resolução de dificuldades. Entrementes, as relações diretas entre os empreendedores se transformam e se adaptam às alterações de porte do empreendimento, assim como com a sociedade e com as instituições a que estão vinculados.

Um outro fato a provocar a manutenção dessa cultura associativa são as atividades de lazer nos finais de semana. Como não há clivagens de bairros, é comum que um empreendedor e o vigia de sua fábrica residam na mesma rua, dividindo também os hábitos e gostos de jogo de baralho, de bocha ou de futebol. Como parceiros ou como concorrentes, na hora do lazer, repartem o mesmo espaço com outros membros da sociedade. Nessa ambiência, também se mantém uma troca de informações sobre temas variados, da política aos negócios, pela qual se disseminam boatos e referências de relevância sobre a cidade e a rede.

Reforça essa cultura a criação de empresas no âmbito da família e sua gestão com a participação de todos os membros: filhos, netos, noras. Inclusive sendo gerados novos negócios, quando há possibilidades produtivas e de comercialização, a partir do núcleo principal. Os empreendimentos familiares, contudo, alimentam uma prática gerencial de manutenção e consolidação que investe na autossuficiência produtiva e financeira. Nesse sentido, não se abre uma empresa com financiamento externo. Busca-se começar a funcionar com os equipamentos adquiridos com recursos próprios, fruto de poupança ou de venda de bens, assim como se pretende fomentá-lo a partir de seu próprio resultado produtivo.

Essa prática de gestão de produção é comum entre empreendedores, especialmente entre os micros e pequenos, que têm, nas vinculações de imediatece (tanto familiares como da vizinhança), um potencial apoio ao desenvolvimento de seu negócio no âmbito da prestação de serviços e de comercialização da produção. Conserva-se, dessa forma, uma prática cuja base de autossuficiência dá sustentação à formação e ao crescimento do empreendimento por meio de pequenas unidades, que, via de regra, mantêm-se pequenas.

À Guisa da Conclusão: os Encadeamentos e as Oposições

A integração existente entre pequenos empreendedores e comunidade em Colatina, fundada numa prática sociocultural discursiva e baseada na troca de informações, nas relações face a face, na confiança e na reciprocidade, possibilitou a fomentação de um ambiente industrial propício ao desenvolvimento da rede de confecções na cidade. A inovação, que depende da troca de informações entre os empreendedores e de uma constante interação informal nos espaços de produção e de lazer, possibilita a modernização tecnológica e a disseminação de confiabilidade em determinados empresários, o que ajuda a sustentar o crescimento da rede.

Esses encadeamentos, instituídos por meio de uma prática cultural e fundados numa cultura associativa e na troca de informações, possibilitaram o incremento socioeconômico de Colatina. Permitiram, também, a geração de efeitos secundários em outras atividades, tanto como resultado de decisões coletivas como de forma espontânea, com o impulso do modelo de comunicação informal em função das trocas entre firmas, família e vizinhança. Contudo, mais do que manutenção de uma cultura tradicional, esse comportamento revela uma racionalidade pragmática para a cooperação entre os indivíduos, com vistas a buscar estratégias de enfrentamento dos riscos das transformações da sociedade (Putnam, 1996).

Por outro lado, o código de reciprocidade presente na prática discursiva se coloca como fator coercitivo, excluindo quem não o exercita, tanto pela negação de sua fundamentação como por uma ação voluntariosa do partícipe. No caso, a negação remete à marginalização social do empreendedor, que pode ser disseminada num conjunto amplo de outros empreendimentos daquele segmento.

Uma outra faceta dessa cultura discursiva da rede é manifestada no nível da comercialização. A base da ação de reciprocidade dos empreendedores está fundamentada na fase de produção, o que permite empréstimos de produtos, apoio de treinamentos e troca de informações. Apesar disso, no campo da comercialização há uma intensa rivalidade. Essa dualidade, cooperação na fase produtiva e competição no mercado externo, coloca-se como um paradigma para a competição capitalista, que, geralmente, vê num outro empresário um concorrente, um competidor em potencial.

Esses encadeamentos e oposições indicam que a trajetória da rede de confecções de Colatina é fruto de uma representação que tem na prática discursiva de seus nós a determinação de um círculo virtuoso, assentado num modelo de comunicação informal de seus elos e que, mantida por princípios geradores e simbólicos, dá suporte ao tripé inovação coletiva, ambiente industrial e eficiência coletiva.

Essa prática discursiva, articulada à sociedade, envolve empresários e comunidade na sua tecedura. Incorporada no uso urbano da cidade, sinaliza, cartograficamente, os vestígios de como no espaço, territorial e temporal, um legado histórico é dinamizado pela estrutura produtiva. Representa, conforme sopesa Ferrara (1988), como o uso reflete um contexto e a própria interação do usuário nesse contexto. Explica, por vez, como diferentes tipos de usos, com diferentes funções e modos de se relacionar com o contexto, interferem num uso e caracterizam um ambiente urbano.

Bibliografía

- BACCEGA, Maria A. 2002. O gestor e o campo da comunicação. En Maria A, Baccega (Org.) *Gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas.
- DADALTO, Maria Cristina. 2004. *Rede solidária: arranjos produtivos ítalo-brasileiros*. Vitória: Santonio.
- DADALTO, Maria Cristina. 2007. *Imigração e cidade: sonho e cultura associativa na tecedura de polos industriais em Colatina*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- DADALTO, María Cristina. 2001. *O relacionamento social-econômico-gerencial: o caso do distrito da indústria do vestuário de Colatina*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- FERRARA, Lucrecia D´A. 2007. *Leitura sem palavras*. São Paulo: Ática.
- FERRARA, Lucrecia D´A. 1988. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG.
- LEDROUT, Raymond. 1971. *Sociologia urbana*. Rio de Janeiro: Forense.
- LEFEBVRE, Henri. 2001. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- MUNIZ, Maria Izabel. P. 1997. *Cultura e arquitetura: a aças do imigrante italiano no Espírito Santo*. Vitória: Edufes.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA. 2003. *Colatina vale mais: plano estratégico de Colatina 2003-2020*. Colatina.
- PUTNAM, Robert D. 1996. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. 2000. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- SOUZA, Q. & QUANDT, C. 2008. Metodologia de análise de redes sociais. En Duarte, F. *et. al* (Org.) *O tempo das redes*. São Paulo: Perspectiva.
- VILAÇA, Adilson y DADALTO, Maria Cristina. 2001. *Confecção da memória: a história da indústria do vestuário de Colatina*. Colatina, ES: Sinvesco.